América portuguesa: paraíso terreal

Sandro da Silveira Costa
Mestre em História - UFSC

O presente artigo objetiva analisar a América Portuguesa como *Paraíso Terreal*. Enfatizar-se-á, especialmente, o homem americano e a natureza do século XVI. Pretende-se, também, relacioná-los aos aspectos históricos da Europa moderna. Conferir-se-á especial ênfase aos índios. Na concepção do homem europeu, os índios eram compreendidos como indivíduos *bons, ingênuos e puros*, habitantes do Paraíso. Era uma *outra humanidade*, sem *Fé, Lei* ou *Rei*¹. Como povos pagãos, deveriam ser convertidos ao catolicismo. Seus hábitos e práticas: poligamia, transes, canibalismo, eram entendidos como manifestações demoníacas, atributos de selvageria e barbárie, ou seja, uma *humanidade inviável*².

Viajantes e cronistas europeus manifestaram, através de registros escritos, contentamento e surpresa quando do *achamento* da nova terra. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, Colombo, ao avistar as terras da América, julgou-se em um outro mundo, como se estivesse diante do verdadeiro *Paraíso Terreal*. Colombo localizara o *Novo Mundo* “[...] não só porque parecia, ignorado, até então, das gentes da Europa [...] mas porque parecia o mundo renovar-se ali, e regenerar-se, vestido de verde imutável, banhado numa perene prima-

vera, alheio à veracidade e aos rigores das estações, como se estivesse verdadeiramente restituído à glória dos dias da Criação”³.

É importante destacar que o gosto pela maravilha e mistério, característico dos escritos dos viajantes e cronistas da era dos grandes descobrimentos marítimos, ocupa espaço singularmente reduzido nos registros lusitanos do mesmo período. Neste sentido, ao contrário dos espanhóis, encantados e maravilhados com a paisagem e o mistério do *Novo Mundo*, os portugueses revelar-se-iam sobretudo práticos e, portanto, sem a exacerbada fantasia edenizadora que marcara os navegadores hispânicos⁴.

No imaginário europeu a América Portuguesa foi simultaneamente Paraíso e Inferno. A edenização da natureza americana é dominante, mas não exclusiva. O que a ameaça é a visão detratadora da América, a que procura reforçar os aspectos negativos. As concepções negativas do Novo Mundo se intensificaram sobretudo no século XVIII. De certa forma, edenizar a América significava estabelecer com ela uma cumplicidade que repousava no mundo imaginário. Encontrava-se aqui algo que, de certa forma, estava previamente concebido: via-se o que se queria ver, o que se ouvira dizer. A natureza era exuberante, as árvores verdejantes, os animais coloridos e exóticos, o clima era perene e agradável. Os índios foram concebidos como bons selvagens, pois desconheciam o pecado e eram aptos a receber a evangelização civilizadora. Entretanto, na medida em que o novo continente emergiu na sua especificidade, a edenização ficou ameaçada. Novas plantas, ventos fortes, mas sobretudo homens e bichos estranhíssimos. É preciso deixar claro que não existiu uma seqüência ordenada entre um e outro movimento. Houve, portanto, tendência à edenização da natureza, mas não exclusividade⁵.

Analisando a América Portuguesa como *Paraíso Terreal*, efetuar-se-á, portanto, um estudo comparativo entre os registros de cronistas, viajantes e exploradores europeus e os textos da bibliografia existente⁶ para construir uma narrativa que permita uma análise consubstancial da temática em estudo. Pretende-se, assim, oferecer ao leitor algumas facetas características do período colonial brasileiro, relacionadas à conjuntura contemporânea européia.

Brasil: Paraíso Terrestre

A *descoberta* da América talvez tenha sido o feito mais espantoso da história dos homens: abria as portas de um novo tempo, diferente de todos os outros; somava às já conhecidas Ásia e África uma nova porção da Terra.

O realismo, voltado para o particular e o concreto, predomina entre os cronistas portugueses. Desde Pero Vaz de Caminha, até, pelo menos Frei Vicente de Salvador, existe, sem dúvida, curiosidade nos relatos, mas ela é apenas relativamente tênue. Segundo Sérgio Buarque de Holanda:

Ou porque a longa prática das navegações do Mar Oceano e o assíduo trato das terras e gentes estranhas já tivesse amortecido neles a sensibilidade para o exótico, ou porque o fascínio do Oriente ainda absorvesse em demasia os seus cuidados, sem deixar margem a maiores surpresas, a verdade é que não os inquietam, aqui, os extraordinários portentos, nem a presença deles⁷.

Neste sentido, é importante destacarmos a Carta de Pero Vaz de Caminha, pois:

Esta terra, Senhor [...] será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. De ponta a ponta é tudo praia redonda, mui chã e mui formosa.

[...] a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados como Entre Douro e Minho [...].

As águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem⁸.

A descrição registra a bondade dos ares, a sanidade da terra, o temperamento do clima. É pois um retrato aproximadamente fiel das visões paradisíacas, e, ao mesmo tempo, um *retrato descritivo* dos aspectos da natureza. Entretanto, a característica *moderna* dos escritores e viajantes lusitanos – sua adesão ao real e ao imediato e à meticulosa observação – não se relaciona com um tipo de menta-

lidade arcaizante na sua época, ainda submissa a padrões longamente ultrapassados pelas tendências que governam o pensamento dos humanistas⁹.

Nos séculos XV e XVI, a crença na proximidade do *Paraíso Terreal* não foi apenas uma sugestão metafórica ou fantástica, mas uma espécie de idéia fixa, que acompanhava ou precedia a atividade dos conquistadores castelhanos. Assim, em 1.500, antes da divulgação das notícias do *achamento* de Cabral, Cristóvão Colombo informou aos reis espanhóis que durante uma das suas viagens à América, localizara o *Paraíso Terrestre*. Em 1.501, o mesmo navegador escrevia aos reis espanhóis informando que os sucessos no *achamento* do *Novo Mundo* não foram resultados da razão, da matemática e dos instrumentos náuticos utilizados, mas porque cumpriram-se plenamente as palavras do profeta bíblico Isaias¹⁰.

A concepção medieval de História, segundo a qual os acontecimentos obedecem um plano preestabelecido pela providência divina, possuem uma finalidade e não dependem exclusivamente da vontade dos indivíduos, influenciou decisivamente os pensadores bíblicos e europeus entre os séculos XV e XVIII. Muitos pensadores, cronistas e viajantes perceberam nas Escrituras a prefiguração de um período da história da humanidade, interposto entre a era do Anticristo e o fim dos tempos, no qual a humanidade usufruiria das delícias do *Paraíso Terreal* e da beatitude, tempo futuro abençoado. A localização da América aconteceu sob o clima messiânico e profético da época¹¹.

Cristóvão Colombo não está tão longe de certas concepções correntes durante a Idade Média sobre a realidade física do Éden. Assim, ele acredita na existência do Paraíso em algum lugar do globo, e nada o desprendia da idéia de que a América, para onde o guiara a mão da Providência, se situava na orla do *Paraíso Terreal*. Segundo Sérgio Buarque de Holanda:

O espetáculo que mais fortemente o impulsionara no Haiti, por exemplo, a formosura, única na terra, daquela ilha coberta de árvores de mil maneiras, tão altas que parecem tocar o Céu, e que tudo o leva a crer, jamais perdem folha (pois que as vê em novembro, quando registra o

fato, tão viridentes e viçosas como o seriam em maio na Espanha), é um traço inseparável da paisagem edênica¹².

A frequência com que surgem imagens e menções descritivas da paisagem edênica em mapas e itinerários, faz crer que a idéia da existência do *Paraíso Terreal* pertencia a um sentir geral, nascida de tradições anteriores e alheias ao cristianismo. Assim, o ponto de partida para as *visões* medievais do Paraíso encontram-se nos registros bíblicos. Conforme a afirmação do mesmo autor:

[...] no Gênese, 2, 9-25 e 3, 1-24 [...] se narra como o Senhor Deus, tendo criado o homem, em que insuflou o fôlego da vida e o fez assim a alma vidente, plantou para sua habitação um horto 'da banda do Oriente'. Ali espalhou [...] plantas agradáveis à vista e boas para comida: no meio destas achava-se a árvore da vida, cujos frutos dariam vida eterna, e a da ciência do bem e do mal, única [...] defesa ao homem, sob pena de morte. Do mesmo Horto saía um rio, que se dividia, ao deixá-lo, em quatro cabeças: o Fison, que rodeia a terra de Havila [...]; o Gion, que rodeia a terra de Cush; o Hidequel, que corre para leste da Assíria, e finalmente o Eufrates. Havendo o Senhor formado de limo todo o animal do campo e toda ave dos céus, levou-os a Adão.

A bondade daquele jardim deleitoso revela-se plenamente, por contraste, depois do castigo a que se viram sujeitos [Eva] e seu esposo (tendo ambos comido daquele mesmo pomo que lhe vedara o Senhor), e da condição a que desde então foram condenados.

Com o primeiro pecado também se tinham aberto pela vez seus olhos, pois como fora dito pela serpente, daquele fruto lhes viria o conhecimento do bem e do mal.

A harmonia entre todos os viventes irá também dissipar-se em consequência do pecado. Entre a mulher e a insidiosa serpente, instrumento de tentação, agora amaldiçoada, será eterna a discórdia e irá estender-se a toda a sua geração [...].

Ao lado de tudo isso vão imperar agora a fadiga, a dor, a mortalidade. Como a criatura humana soubesse já o bem e o mal, mandou-a o Senhor Deus sair do jardim do Éden, para que não tomasse também da árvore da vida e comesse de seu pomo e vivesse eternamente. E pôs querubins ao Oriente do paraíso, e uma espada flamejante que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida¹³.

A harmonia perfeita entre todas as criaturas, a isenção do castigo e da fadiga, a ausência da dor física e da morte são os elementos constitutivos da concepção primeira do homem, que é abolida com o Pecado e a conseqüente negação ao Paraíso. Sobre este núcleo inicial que pertence ao Gênesis, se manifestam traços oriundos do Apocalipse e sucessivos atributos tomados às crenças do paganismo. Todavia, as interpretações bíblicas elaboradas pelos pensadores e teólogos cristãos assumiram grande importância na formação da idéia medieval de *Paraíso Terrestre*. Os registros bíblicos apontam a existência física do Paraíso em alguma parte da Terra, no *Oriente*. A existência de crenças semelhantes entre os antigos pagãos seria um convite para que se amalgamassem e se fortalecessem mutuamente as diferentes tradições. A versão poética da lenda do hordo das Hespérides tende a situá-lo em ilhas perdidas no oceano. Surgida primeiramente, ao que parece, entre povos navegadores, gregos e fenícios, influenciará a mentalidade dos europeus na época dos grandes descobrimentos marítimos.

Existe algum fundamento histórico para semelhante tradição? Aristóteles aponta que os cartagineses, navegando para além das *colunas de Hércules*¹⁴, chegaram a uma ilha desabitada, mas com espessa floresta, cortada por muitos rios e com grande variedade de frutos¹⁵.

Não há motivos para se duvidar de que os fenícios e cartagineses tivessem efetivamente alcançado as Ilhas Canárias e Madeira. No século XIX, as investigações de Bandury, historiador da geografia antiga, fizeram-no constatar que as descrições deixadas por Deodoro e Aristóteles sobre uma ilha situada para o ocidente das colunas de Hércules, com muitas árvores e frutos, aplicam-se exatamente à Ilha da Madeira, no estado em que a encontraram os navegadores portugueses e italianos no século XIV¹⁶.

Nada disso, porém, explica o nome de *Afortunadas*, que a tradição greco-romana associava a um arquipélago existente a oeste do Estreito de Gibraltar e que era identificado muitas vezes como as Canárias. Como, junto às Hespérides, estaria, suportando o Céu, o monte Atlas, que emerge diretamente do Oceano, pode adquirir certa dose de veracidade à velha hipótese de que o Atlas primitivo

seja, de fato, o pico de Tenerife¹⁷. Independente da identidade possível, mas discutível, entre as *Ilhas Afortunadas* e qualquer arquipélago conhecido, a confusa noção de que elas se achavam perdidas entre as águas do Oceano já seria suficiente para conferir-lhes dimensões mitológicas. Finalmente, as sólidas muralhas que fizera edificar Atlas para a proteção do pomar poderiam ser equivalentes às muralhas do Éden, cujas partes seriam, depois da *Queda*, confiadas à guarda dos querubins ali postos por Deus para impedir o acesso dos homens¹⁸.

As versões lendárias do hordo das Hespérides e das *Ilhas Afortunadas* influenciaram a mentalidade do europeu na época dos grandes descobrimentos marítimos¹⁹. Nesse sentido, concorda-se com as palavras de Sérgio Buarque de Holanda ao afirmar que:

Por especial graça de Deus: isso mesmo dará a entender Cristóvão Colombo, quando, chegado à altura da 'província' do Pária, se imagina à porta do Paraíso Terreal. 'Já disse', escreve, 'aquilo que achava deste hemisfério e da sua feitura, e creio, se passasse por debaixo da linha equinocial, que ali chegando [...] achara maior temperança e diversidade das estrelas e das águas, não porque acredite que onde se acha a altura extrema seja possível navegar ou seja possível subir até lá, pois creio que lá está o Paraíso Terrestre, onde ninguém pode chegar, salvo por vontade divina'²⁰.

A geografia fantástica do Brasil, como do restante da América, tem como fundamento as narrativas que os conquistadores ouviram ou quiseram ouvir dos indígenas americanos. Dessa forma, portugueses e espanhóis colhiam dos habitantes da América notícias sobre a existência de riquezas minerais. Ao ouro coube desde o início a primazia entre as riquezas cobiçadas pelos exploradores europeus. A prata só alcançou importância quando os castelhanos passaram a explorar as jazidas peruanas, a partir de 1.545.

O fascínio despertado pelas esmeraldas respalda-se numa tradição imemorial, de que ficaram traços em toda a literatura da Idade Média²¹ e que será conservada entre os séculos XVI e XVIII. As esmeraldas assumem valores sobrenaturais nas visões paradisíacas

dos europeus, sobretudo entre os espanhóis. Esse aspecto preservava-se em geral nos mitos da conquista da América, alimentando a ambição de colonizadores e aventureiros.

No Brasil e na América espanhola eram constantes os rumores de magníficas jazidas de esmeralda. Segundo Sérgio Buarque de Holanda:

Ao lado de minas abundantes do Novo Reino de Granada ou Peru [...] havia, nesta última conquista, para as partes do Oriente, uma terra chamada de esmeraldas, pela notícia de sua existência ali de grandes quantidades [...]. Era uma réplica exata da famosa serra das esmeraldas, tão falada na costa do Brasil e não menos oculta do que a outra, tanto que se pode perguntar se não existiria uma interdependência das duas versões. O mais natural seria admitir que se achariam desses tesouros no vasto sertão inexplorado e inculto que corria entre as duas conquistas, a portuguesa e a castelhana²².

Esse foi o pensamento que norteou a efetivação das primeiras expedições oficiais organizadas nas capitânicas do centro do Brasil. Tal pensamento também norteará a realização de outras expedições que serão organizadas em São Paulo, sob a direção de D. Francisco de Souza. No século XVI era corrente a opinião entre aventureiros e exploradores portugueses de que não havia grande distância entre a Capitania de São Paulo e a Serra de Potosi. Essa idéia é baseada em escritos da época. Dentre eles, destaca-se o testemunho de Thomas Griggs, tesoureiro do navio *Minion of London*, enviado ao Brasil em 1.580. Entre as informações que colhe na viagem está a de que certa parte do Peru estaria situada “por água ou terra a doze dias apenas” da vila de Santos²³. As próprias autoridades portuguesas, que durante muito tempo acreditaram que os sertões de Porto Seguro ofereciam acesso às riquezas do Peru, sabiam, por tradições originárias dos tempos das primeiras expedições litorâneas, como alcançar as cordilheiras andinas.

Ante os rumores da existência de grandes jazidas de metais preciosos no Brasil – pois acreditava-se que as terras do Brasil e do Peru eram uma só – ocorreu às autoridades luso-brasileiras ir buscá-

las, primeiramente, nas latitudes correspondentes às terras coloniais espanholas da América. Assim, tudo parecia apontar para os sertões de Porto Seguro. Os ínfimos resultados de uma série de explorações realizadas durante os séculos XVI e XVII no rumo indicado não estimularam novas expedições na busca de riquezas minerais em solo brasileiro. Havia, assim, motivos para acreditar que as riquezas minerais estavam, por vontade divina, reservadas aos castelhanos²⁴.

Embora os cronistas da segunda metade do século XVI tenham dado como possível a existência de jazidas de diamantes no Brasil, apenas por volta de 1.727 notícias seguras a respeito começaram a surgir²⁵. Na América espanhola, pelo contrário, o encontro de jazidas minerais ocorreu rapidamente²⁶. Este fato favoreceu a aplicação de volumosos investimentos da Coroa espanhola na organização do império colonial e prontificou os conquistadores a continuarem a exploração da América espanhola. Fomentou, igualmente, a crença de que Deus reservara aos espanhóis o encontro do *El Dorado*, local paradisíaco, repleto de riquezas e bem-aventuranças.

É possível apontarmos um mito da conquista cuja difusão no continente americano esteve a cargo dos portugueses e, do Brasil, expandiu-se para o Paraguai, Peru e o Prata. Não foi novidade para os portugueses a lenda da pregação de São Tomé na Índia, largamente difundida e mencionada em muitos escritos medievais, como os de Marco Polo. Além disso, essa lenda era imemorial no Extremo Oriente, quando atingido, no século XV, pelas naus de Vasco da Gama. O que poderia ter surpreendido os lusitanos era a extensão do culto, presente entre os índios americanos. De acordo com as palavras de Sérgio Buarque de Holanda:

A primeira versão conhecida dessa presença do discípulo de Jesus em terras americanas encontra-se, com efeito, na chamada Nova Gazeta Alemã, referente, segundo se sabe hoje, à viagem de um dos navios armados por D. Nunes Manuel, Cristóvão de Haro e outros, que a 12 de outubro de 1514 aportava, já de torna-viagem, à Ilha da Madeira. Dos dados que o autor da Gazeta pôde recolher a bordo [...] contava a

existência naquela costa de uma gente muito boa e livre condição, gente sem lei, nem rei, a não ser que honram entre si os velhos. Contudo, até àquelas paragens tinha chegado a pregação evangélica e dela se guarda memória entre os naturais. ‘Eles têm recordação de São Tomé’, diz o texto. E adianta: ‘Quiseram mostrar aos portugueses as pegadas de São Tomé no interior do país. Indicam também que têm cruzeiros pela terra adentro. E quando falam de São Tomé, chamam-lhe o Deus pequeno, mas que havia outro Deus maior’. ‘No país chamam freqüentemente a seus filhos Tomé’²⁷.

Nos séculos XV e XVI se especulava sobre uma ligação por terra entre a América e a Ásia, originária das velhas concepções de Cristóvão Colombo. Circulava, igualmente, a idéia de que a pregação de São Tomé se estendera à América e ao Brasil. Salientando, novamente, as idéias de Sérgio Buarque de Holanda:

Aos europeus recém-vindos tratavam logo os naturais de mostrar [a presença de São Tomé] encontradas em várias partes da costa. Simão de Vasconcellos, por exemplo, refere-nos como os viu em cinco lugares diferentes: para o norte de São Vicente; em Itapoã, fora da barra da Baía de Todos os Santos; na praia do Toqué Toqué, dentro da mesma barra; em Itajurú, perto de Cabo Frio, e na altura da cidade de Parnaíba. A uma das pegadas mostradas na Bahia, de que dá conta Vasconcellos, referiu-se provavelmente o Padre Manoel da Nóbrega, onde escreveu, em carta de 1549, que ‘[...] sus pisadas están sendadas cabo a un rio, los cuales yo fuy a ver por más certeza de la verdad, y vi con los propios ojos quatro pisadas muy señaladas con sus dedos[...]’. Segundo os índios, quando o santo deixou aquelas pisadas, ia fugindo dos índios que o queriam flechar, e lá chegando, abriu-se o rio à sua passagem, e ele caminhou por seu leito a pé enxuto, até chegar à outra margem, onde foi à Índia²⁸.

Parece claro que muitas menções à presença de São Tomé na América se devem, sobretudo, à colaboração dos missionários católicos, onde incrustaram-se tradições cristãs em crenças originárias dos índios. Parece claro também que a presença das pegadas de São Tomé na América foi associada à passagem de algum herói

civilizador, pois encontra-se disseminada em inúmeras menções e registros existentes em quase todos os lugares do mundo. É também compreensível que entre missionários e catequistas essa tendência pudesse amparar o esforço de conversão dos índios à religião católica.

É interessante observar como a imagem de São Tomé se enriquece de novos elementos à medida que avança do Brasil para a América espanhola. No Brasil, andaria ele geralmente descalço, segundo fazem crer as pisadas referidas em vários depoimentos indígenas. Ao entrar no Paraguai, ele teria calçado sandálias. Ao chegar ao Peru, os índios o encontraram usando sapatos semelhantes às sandálias, mas de três solas. Outra particularidade da lenda de São Tomé no Brasil é que ele procurava, muitas vezes, fugir às perseguições dos índios. Num ponto, entretanto, parece claro a missionários que identificaram o *Pai Sumé* brasileiro e o *Pay Tumé* peruano ao discípulo de Jesus: na ajuda que teria ele prestado à conversão dos índios²⁹. Assim, o Padre Manuel da Nóbrega

[...] escrevera que, segundo tradição dos índios, anunciara-lhes São Tomé, ao partir para a Índia, que 'havia de tornar a vê-los'. Por sua vez, os missionários jesuítas do Paraguai não hesitaram em interpretar essa promessa como anúncio de seu próprio apostolado³⁰.

No século XVI, enquanto a Igreja via-se impelida a uma ampla revisão de suas antigas posições, a simples tentativa de uma identificação de um herói mítico ancestral dos índios do Brasil com o apóstolo das Índias, forneceria uma solução histórica e concreta para o problema. É curioso observar como o São Tomé americano que, para os colonos e missionários do Brasil, é um mito pouco *explorado*, enriquecer-se-á à medida que suas prédicas expandem-se para oeste, rumo aos domínios castelhanos. Sendo o único mito da conquista, cuja procedência luso-brasileira é marcante, fornece-nos uma noção da mentalidade que caracterizou cada um dos dois povos ibéricos em sua obra colonizadora.

Durante séculos, o Oceano Índico constituiu-se como horizonte mental corporificador do exotismo do Ocidente medieval.

Para os europeus, uma das características inerentes às Índias orientais é a riqueza, as ilhas transbordantes de pérolas, esmeraldas, ouro, peças de seda, atrelando o sonho às necessidades de expansão comercial e obtenção de novos mercados. Outro lado do sonho indiano era a exuberância fantástica da natureza, dos homens, dos animais, uma espécie de compensação de seu mundo pobre e limitado. Com a familiaridade crescente do europeu em relação à África e Ásia, os países lendários foram sendo empurrados para regiões cada vez mais distantes e periféricas. Conhecido o Índico e desmistificado seu universo fantástico, o Atlântico passará a ocupar papel análogo no imaginário do europeu no século XV. O mundo colonial americano seria, pois, a sua última fronteira³¹. Assim, entre os séculos XV e XVI, acreditava-se que sobre o Velho Mundo, abandonado de Deus, recaía o peso do pecado e da danação afetando os homens e todo o mundo conhecido. Acreditava-se também que em algum lugar remoto, resguardado do resto do mundo pela imensidão dos mares e entre gentes tão nuas de roupas e vícios, se acharia alguma imagem do *Paraíso Terreal*.

Os mesmos elementos que durante toda a Idade Média apresentavam-se como distintivos da paisagem bíblica do Éden ou que anunciavam sua proximidade imediata: primavera perene, bosques verdejantes, cortados por rios caudalosos, encontrariam os europeus ao aportarem na América. Presos a concepções medievais, pode-se inferir que, em face das terras recém-descobertas, os europeus reconheceram com os próprios olhos o que em sua memória estampara das paisagens de sonhos descritos em livros e relatos e que pertencia a uma fantasia coletiva. Dessa forma, Cristóvão Colombo encontrou, no seu desembarque nas Antilhas, a mesma imagem bíblica reafirmada por cosmógrafos e cronistas da época.

A Colombo, que tanto se deleitava com a amenidade das paisagens americanas, a fauna local deve ter impressionado à primeira vista. Enamorou-se com os passarinhos, a começar pelos rouxinóis, cujo canto julgou ouvir distintamente, e era tão suave que, ao escutá-lo, ficou enfeitiçado³². Nenhum dos animais achados foi mais admirado do que os papagaios, porque embora existentes em outros continentes, e em particular na África, aparecem associados às

maravilhas indianas. O fato dessas aves terem sido encontradas na América, é, sem dúvida, um argumento a mais à idéia de Cristóvão Colombo de ter alcançado as partes orientais da Ásia. A noção corrente na Antigüidade, e em grande parte na Idade Média, de que o papagaio pertencia à fauna indiana, contribuiria para sua inclusão entre as aves paradisíacas³³.

O *Novo Mundo* apresentava-se aos primeiros conquistadores como milagre divino. A maravilha, o encanto e a bem-aventurança eram características inerentes à América, que refletia o *Paraíso Terreal* descrito na Bíblia. Os cenários naturais, em terra onde tudo era ilusório, pareciam importar, não tanto por aquilo que aparentavam, mas sobretudo por aquilo que pareciam dissimular.

É importante ressaltar que o descobrimento e a exploração do *Novo Mundo* envolveu enormes gastos financeiros, que possibilitaram o aprimoramento dos conhecimentos geográficos e náuticos, que foi também impulsionado pelas viagens marítimas³⁴. As navegações transoceânicas foram, portanto, empreendimentos planejados que objetivavam, acima de tudo, encontrar uma rota marítima ocidental para as Índias.

A expansão marítima européia atingiu o mundo todo, mas de diferentes maneiras e compreendeu desde viagens isoladas de aventureiros, que apenas revelaram a existência de lugares até então não assinalados no mapa do mundo, até a conquista e ocupação de territórios que se incorporaram como colônias, aos Estados europeus.

Os países ibéricos foram os pioneiros da expansão marítima européia entre os séculos XV e XVI, seguidos dos demais países europeus, notadamente a Inglaterra, França e Holanda. Segundo Sérgio Buarque de Holanda:

Precisamente a comparação entre [as nações ibéricas] e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar [...] com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo [a] cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispâ-

nica. Para [os ibéricos], o índice de valor de um homem infere-se, antes de tudo, da extensão em que não precise depender dos demais, em que não necessite de ninguém, em que se baste.

Os privilégios hereditários, que, a bem dizer, jamais tiveram influência muito decisiva nos países de estirpe ibérica [...] não precisaram ser abolidos neles para que se firmasse o princípio das competições individuais. À frouxidão da estrutura social, à falta de hierarquia organizada devem-se alguns dos episódios mais singulares da história das nações ibéricas, incluindo-se nelas Portugal e o Brasil³⁵.

Analisando a citação acima, observa-se que o prestígio individual, independente do nome herdado, manteve-se nas épocas mais gloriosas da história das nações ibéricas. Essas, portanto, podem ser consideradas pioneiras da mentalidade moderna. Observa-se, assim, a nítida separação das classes sociais que prevalecia em outros países europeus e a quase inexistência desse aspecto entre os ibéricos. A abundância das riquezas, dos altos feitos e virtudes supremas, entre os ibéricos, a prosápia de sangue. E o círculo de virtudes para portugueses e espanhóis relaciona-se com o sentimento da própria dignidade de cada indivíduo. Assim,

[...] o mérito pessoal, quando fundado em tais virtudes, teve sempre importância ponderável.

Efetivamente, as teorias negadoras do livre-arbítrio foram sempre encaradas com desconfiança e antipatia pelos espanhóis e portugueses. Nunca eles se sentiram muito à vontade em um mundo onde o mérito e a responsabilidade individuais não encontrassem pleno reconhecimento.

Foi essa mentalidade que se tornou o maior óbice, entre eles, ao espírito de uma organização espontânea, tão característica de povos protestantes, e sobretudo de calvinistas. Porque, na verdade, as doutrinas que apregoam o livre-arbítrio e a responsabilidade pessoal são tudo, menos favorecedoras da associação entre os homens. Nas nações ibéricas, à falta dessa racionalização da vida, que tão cedo experimentaram algumas terras protestantes, o princípio unificador foi sempre representado pelos governos. Nelas predominou [...] o tipo de organização política artificialmente mantida por uma força exterior.

Um fato que não se pode deixar de tomar em consideração no exame

da psicologia desses povos é a invencível repulsa que sempre lhes inspirou toda a moral fundada no culto ao trabalho. Sua atitude normal é precisamente o inverso da que, em teoria, corresponde ao sistema do artesanato medieval, onde se encarece o trabalho físico, denegrindo o lucro, o 'lucro torpe'.

A 'inteireza', o 'ser', a 'gravidade', o 'termo honrado', o 'preceder sisudo', esses atributos que ornaram e engrandecem o nobre escudo [...] representam virtudes essencialmente inativas, sobre as quais o indivíduo se reflete sobre si mesmo e renuncia a modificar a face do mundo. A ação sobre as coisas [...] implica submissão a um objeto exterior, aceitação de uma lei estranha ao indivíduo. Ela não é exigida por Deus, nada acrescenta à sua glória e não aumenta nossa própria dignidade. É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a [...] religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária³⁶.

Pode-se inferir, portanto, que o descobrimento da América pelos povos ibéricos envolveu, entre outros aspectos, a competitividade e as motivações individuais dos conquistadores e o apoio político e financeiro estatal.

É importante destacar que as grandes navegações transoceânicas objetivavam o encontro de riquezas minerais nas terras descobertas. O encontro de jazidas de esmeralda e prata pelos espanhóis possibilitou-lhes, como vimos, recompensas quase imediatas aos excessivos gastos empreendidos nas viagens marítimas. Entretanto, a Carta de Pero Vaz de Caminha atesta a preocupação dos portugueses em encontrar riquezas minerais nas terras recém-descobertas: "Nela até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem o vimos"³⁷.

Na Europa, o catolicismo perdia terreno com o avanço das religiões protestantes decorrentes da Reforma. O encontro dos indígenas americanos possibilitou aos europeus a conversão ao catolicismo de imenso número de indivíduos, fato registrado no Diário escrito por Cristóvão Colombo em 1.492:

[Eles] nos demonstraram grande amizade, pois percebi que eram pessoas que melhor se entregariam e se converteriam à nossa fé pelo amor e não pela força [...]. Mas me pareceu que era gente que não possuía praticamente nada. Andavam nus como a mãe lhes deu à luz...

[Eles] não andam com armas, que nem conhecem, pois lhes mostrei espadas, que pegaram pelo fio e se cortaram por ignorância. Devem ser bons servidores e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz, e creio que depressa se fariam cristãos, [pois] me pareceu que não tinham nenhuma religião³⁸.

A conversão dos índios americanos ao catolicismo é também salientada na Carta de Pero Vaz de Caminha:

A feição deles é parda, algo avermelhada; de bons rostos e bons narizes. Em geral são bem feitos.

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêmos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm, nem entendem crença alguma [...].

[...] não duvido que eles, segundo a santa tensão de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, a qual preza a nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles toda e qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o fato de Ele vos haver até aqui trazido, creio que não o foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar à santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E aprazera Deus que com pouco trabalho seja assim!³⁹

Observa-se que o encontro de povos indígenas possibilitou aos europeus convertê-los ao catolicismo, pois tratava-se de indivíduos “de tal inocência”, “sem crença alguma”. Além disso, fez os conquistadores ibéricos perceberem que Deus, no tempo propício, tinha-lhes reservado o *Paraíso Terreal*, pois “todos andavam completamente nus” e “o fato de [Deus] vos haver até aqui trazido, creio que não foi sem causa”⁴⁰.

O descobrimento da América desvendou aos ibéricos a natureza paradisíaca: buscavam no acervo imaginário os elementos de identificação da nova terra. Associar a fertilidade do solo, a vegetação luxuriante, a amenidade do clima às descrições do paraíso terreal bíblico, tornava o *Novo Mundo*, tão distante e desconhecido dos europeus no passado, mais próximo e familiar.

Desde sua primeira viagem, Colombo procurou provar que chegara nas imediações do *Paraíso Terreal* baseando-se em analogias entre o que vira na América e o que lera em autores como Mandeville e Marco Polo. Assim como Colombo, Pero Vaz de Caminha e inúmeros outros cronistas e viajantes europeus aludiram à presença do Paraíso em terras americanas. Para Jaboatão, o Brasil é “[...] a porção notável, deliciosa e rica da grande América”⁴¹. Segundo Laura de Mello e Souza:

Ares saudáveis, frescas virações, clima benigno, terreno fértil, o conjunto todo sendo recluso por duas preciosas chaves: uma de prata, demarcando-lhe a porção sul; outra de ouro, delimitando-lhe o norte. [Jaboatão] procurava desta forma uma aproximação com o Paraíso Terrestre. A beleza da perspectiva – o mundo natural – reforçava a idéia de Paraíso Terrestre: ‘montes empinados’ e ‘vales estendidos’ cheios de arvoredos frondosos, incorruptíveis, frutíferos, cobertos de ‘pomos a qualquer estação do ano’; flores alegres e matizadas, crescendo ‘sem mais cuidado para o seu cultivo’ que o da natureza e do tempo’; [...] aves que tanto ‘recreiam a vista com o vário e lustroso das penas’ [...] além de agradarem os homens com seu canto suave⁴².

Na citação acima, observa-se que Jaboatão não afirma que o Paraíso terrestre se encontra no Brasil, entretanto, insinua a analogia em mais de uma passagem.

As imagens utilizadas por Pero de Magalhães Gandavo para qualificar o Brasil são as comumente empregadas nas descrições européias do *Paraíso Terreal*. A terra é “[...] mui deliciosa e fresca”, toda “vestida de mui alto e espesso arvoredo, regados com as águas de muitas e mui preciosas rebeiras [...], onde permanece sempre a verdura com aquela temperança da primavera que cá nos oferece Abril e Maio”⁴³. Observa-se, portanto, o clima perene e ameno, característico do Paraíso descrito nas Escrituras.

É importante ressaltar que a edenização da natureza americana é dominante, mas não exclusiva. O que a ameaça é a visão detratora da América, que reforça os aspectos negativos. Não se objetiva, neste artigo, aprofundar a análise desse aspecto. Todavia, as leituras negativas do *Novo Mundo* se intensificaram sobretudo no século

XVIII⁴⁴. Edenizar a América significava interpretá-la como o verdadeiro *Paraíso Terreal*. Encontrava-se, portanto, algo que estava previamente concebido. Entretanto, na medida em que o novo continente emergiu na sua especificidade, a edenização ficou ameaçada. Novas plantas, ventos fortes, mas sobretudo homens e animais estranhos. Houve, como vimos, tendência à edenização da natureza, mas não exclusividade. Conforme as palavras de Laura de Mello e Souza:

Gandavo, edenizador por excelência, propagandista da nova terra, considerou-a deleitosa e temperada mas sujeita a ventos mortíferos: ‘Este vento da terra é mui perigoso e doentio’, diria, ‘e se acerta de permanecer alguns dias, morre muita gente, assim portugueses como índios da terra’⁴⁵.

O padre Fernão Cardim também descreveu aspectos negativos do *Novo Mundo*, pois segundo a mesma autora:

Escrevendo seu Tratado⁴⁶ por volta de 1584 – e sendo portanto, um de nossos primeiros cronistas –, o padre Fernão Cardim percebeu que o mesmo clima que propicia o desenvolvimento de belos animais, acarreta a proliferação de seres repulsivos: ‘Parece que este clima influi peçonha, assim pelas infinitas cobras que há, como pelos muitos Alacrás, aranhas, e outros animais imundos, e as lagartixas são tantas que cobrem as paredes das casas...’. E a contrapartida: ‘Assim como este clima influi peçonha, assim parece influir formosuras nos pássaros e assim como toda a terra é cheia de bosques, e arvoredos, assim o é de formosíssimos pássaros, de todo o gênero de cores’⁴⁷.

Dentre os cronistas que escreveram sobre o Brasil no século XVI, muitos se referiram aos monstros marinhos. Knivet, por exemplo, viu emergir da água “uma enorme coisa”, “com grandes escamas no dorso, garras medonhas e cauda comprida”, avançando para ele, abrindo a boca, “lançando fora a língua longa, como um arpão”⁴⁸. Assim, à semelhança do ocorrido com as imagens do *Paraíso Terreal*, migraram para a América as projeções sobre a humanidade e os animais monstruosos, pois: “Raças monstruosas – ho-

mens com um pé só, gigantesco, de orelhas enormes [...] – ocuparam lugar nas descrições da África e Ásia desde a antiguidade, e ainda figuram na cosmografia renascentista⁴⁹.

Na Europa, os monstros continuaram em voga até o século XVII. Entretanto, esse fascínio da Europa quinhentista e seiscentista pelo monstro referiu-se a um tipo específico: o dos monstros humanos individuais. Aos outros⁵⁰, os europeus somaram a concepção do homem selvagem. Através dos descobrimentos, os monstros não cederam lugar aos homens selvagens, mas acrescentaram-se a eles. Assim, sacudida por movimentos messiânicos e milenaristas que pregavam a volta à *Idade do Ouro*, ou seja, a um estágio primitivo e inocente, a Idade Média preparara o ambiente necessário à recepção do bom selvagem; entretanto foi a descoberta do *Novo Mundo* que conferiu conteúdo ao mito⁵¹.

Como os monstros, o homem selvagem não era tema novo, pois suas raízes remontam ao mundo antigo. Era a antítese do cavaleiro e opunha, ao ideal cristão, a vida instintiva em estado natural. Na Idade Média, vigorou uma atitude ambivalente de medo e de inveja: ameaçava a sociedade, mas era exuberante, sensual e vivia livremente nos bosques. O homem selvagem medieval emprestou muitas de suas características aos homens do *Novo Mundo*. Segundo Laura de Mello e Souza:

O ameríndio poderia pertencer a uma ou outra representação: quanto ao afastamento geográfico, é monstruoso; no que diz respeito à nudez e à vida natural, é selvagem.

As duas representações coexistiram [...]. Com o tempo, entretanto, a do homem selvagem acabou prevalecendo, sem contudo abandonar de todo a sua carga monstruosa. A monstruosidade achava-se muito ligada ao desconhecido geográfico, que a experiência das navegações e dos descobrimentos acabaram lançando por terra. Já o homem selvagem não dependia do desconhecido, mas da representação hierárquica da sociedade cristã. Justificava a empresa colonial enquanto tentativa de dar cultura e religião aos que não a tinham, durando, portanto, tanto quanto o Sistema Colonial⁵².

A América era um mundo jamais visto antes. Aos olhos dos europeus, uma sociedade nova e inquietante se revelava: eram ho-

mens sem maldade e cobiça que habitavam a outra margem do Ocidente. A América e o Brasil representaram a ponte lançada entre as duas margens: a civilização ocidental e as civilizações primitivas americanas. Segundo Aداuto Novaes:

Ao longo dessa travessia, o Ocidente abriu dois caminhos contraditórios: o da força e o da consciência europeia.

Confrontados pela primeira vez com um tipo de sociedade radicalmente diferente [...] os ocidentais não hesitaram em impor sua concepção de sociedade humana. Nas suas representações políticas não havia lugar para o diferente. No imaginário europeu, o mundo político dos selvagens era literalmente impensável. Pela força, o Ocidente impôs ao Outro sua singularidade absoluta.

Com idéias previamente constituídas e lidando empiricamente com os fatos, o europeu começou a carregar uma dupla imagem do Outro: a herança de todo o imaginário que antecedeu o descobrimento e a construção de um novo imaginário; viu o Outro, mas não foi capaz de pensar a sua história⁵³.

Sem dúvida foi Colombo o primeiro a relançar o antigo mito, reencontrando o bom selvagem no *Novo Mundo*. Num cenário paradisíaco, Colombo encontrou homens naturalmente bons. Eram simples, honestos e generosos, porque davam tudo o que lhes pediam, amavam ao próximo como a si mesmos. Não surpreende que Colombo tenha julgado localizar o Paraíso Terrestre na América⁵⁴.

Pero Vaz de Caminha não chegou a esse ponto, mas não ficou longe disso. A natureza era pródiga, cheia de árvores, frutos e animais exóticos e coloridos. Mas a maior riqueza era a gente, pois o que mais impressionava nos navegantes e cronistas ibéricos era a nudez do gentio. Era uma nudez inocente, em contraste com a nudez lasciva da mulher europeia, pois: “Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de cobrir suas vergonhas, e nisso são tão inocentes como quando mostram o rosto”⁵⁵. Mas não era só a inocência que tornava-os puramente naturais. Em geral, sua índole era bondosa, vivendo numa *Idade do Ouro*, anterior à expulsão do Paraíso. Estava construída a figura do bom selvagem brasi-

leiro: boa índole, manso, pacífico, vivendo em estado de inocência, isento de cobiça e ganância⁵⁶.

O mito do bom selvagem se consolidou graças aos viajantes e cronistas franceses *André Thévet* e a *Jean de Léry*. Escreveram seus livros baseados em suas experiências na França Antártica, colônia francesa fundada por *Villegagnon* no Rio de Janeiro.

Em *Singularidade da França Antártica*, publicada em 1.557, Thévet enxergou nos índios, ao lado de muitos defeitos, muitas virtudes, como a hospitalidade e a coragem. Foi Thévet que inaugurou a tradição de criticar a cultura européia através do confronto com os costumes indígenas. Assim, ele diz que os índios ao menos acreditam na imortalidade da alma e na existência de um ser supremo, Tupã, e nisso

[...] essa pobre gente, por maior que seja o seu erro ou ignorância, é, sem comparação muito mais tolerável do que os condenáveis ateístas dos tempos atuais [...]. Esses ateístas deveriam ser tratados como bichos⁵⁷.

Jean de Léry, em *História da Viagem à Terra do Brasil* (1.578), efetua uma análise da prática da antropofagia entre indígenas americanos, chocante aos olhos do conquistador europeu. Léry relativiza de várias maneiras. Primeiro, ela não é pior que a prática da usura, na Europa. Os que praticam a usura “[...] sugam o sangue e a medula, e por conseguinte comem vivas as viúvas, os órfãos e os outros infelizes. Esses agiotas são, portanto, mais cruéis que os selvagens”⁵⁸. Segundo, existe antropofagia também entre os civilizados. De acordo com Sérgio Paulo Rouanet: “O próprio Léry assistiu a uma cena de canibalismo durante o cerco de Sancerre, na época das Guerras de Religião, quando uma jovem foi devorada pelos pais”⁵⁹. Terceiro, a antropofagia dos selvagens não se deve à gula, e sim a um sentimento nobre, o desejo de vingança. Nisso, segundo Léry, eles são superiores aos católicos, pois segundo o dogma católico da transubstanciação, o pão e o vinho, depois de consagrados, se convertiam literalmente no corpo e no sangue de Cristo. Para os protestantes, a relação desses objetos com Cristo era meramente

alegórica: eles *significavam*, mas não *eram*, o corpo e o sangue de Cristo. Consequentemente, quando os católicos comungavam, segundo suas próprias crenças, estavam devorando Deus, não no sentido figurado, mas no sentido literal. Nisso os canibais brasileiros eram mais civilizados porque para eles a antropofagia também tinha um sentido alegórico, como para os calvinistas⁶⁰.

Por maior que fosse a variedade dos povos indígenas na América, todos tinham em comum a característica de serem *mansos* e *pacíficos*. Assim, embora sob certos aspectos seus ritos e costumes serem diferentes, num detalhe eram semelhantes: eram sempre pacíficos e generosos. Todas essas qualidades são formuladas negativamente, pois não se trata de descrever a especificidade da outra cultura, mas de enxergar nela o avesso da própria cultura. Se invertermos as virtudes atribuídas aos indígenas americanos, encontraremos os vícios europeus: rancor, dissimulação, espírito vingativo⁶¹. O bom selvagem é, portanto, um animal europeu. Mas quando ele surgiu e qual seu habitat? Vimos que ele vem dos mitos antigos e das lendas medievais, a antítese do cavaleiro, pois levava uma vida instintiva em estado puro. Na Idade Média, era o *Homo sylvestris*, peludo e sensual, que habitava os bosques e vivia de acordo com a natureza. Com as grandes navegações, esses setes míticos foram reencontrados na América pelos navegantes e exploradores europeus. Eles viram o índio, e enxergaram nele o bom selvagem, sem perceberem que ele fazia parte de uma tradição européia muito anterior a Colombo. Assim, a idéia do bom selvagem foi reimportada pela Europa, em etapas sucessivas⁶².

O contraponto negativo ao bom selvagem foi dado, nos tempos coloniais, sobretudo por Pero de Magalhães Gandavo. Segundo Laura de Mello e Souza:

Um dos principais edenizadores da Colônia no século XVI, Gandavo, fala demoradamente sobre a 'multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda a terra do Brasil', enfatizando seus caracteres negativos: ameaçam a segurança dos colonos [...] 'vivem brutalmente sem ter conta, nem peso, nem medida'. Ora, como colonizar terra tão paradisíaca com homens que agiam como irracionais? Edenizando a natureza e fazendo propaganda da colonização, não parece excessivo

afirmar que Gandavo se visse obrigado a reduzir o natural da terra à condição ínfima, chegando mesmo a questionar sua humanidade⁶³.

A violência cotidiana era uma das faces que, sob o ponto de vista do conquistador europeu, caracterizava os indígenas. Humanidade ameaçadora, que colocava os europeus entre o risco de ser flechado e o de ser comido através da prática do canibalismo. De acordo com a mesma autora:

O risco de ser comido está presente em muitas das páginas escritas por jesuítas. Preparando-se para entrar nos sertões [...] Nóbrega expressava ao Provincial de Portugal o medo do canibalismo indígena: antes de partir, queria deixar 'bem começada' a obra das casas de meninos, 'em que fique fundamento da Companhia, se por ventura nos matarem e nos comerem a todos os que formos'⁶⁴.

Os jesuítas afirmaram que os índios são povo do diabo. Demônios nos hábitos alimentares, são-no também no de morar e vestir, pois segundo o Padre Fernão Cardim, em *Tratados da Terra e Gente do Brasil*:

Cada casa destas tem dois ou três buracos sem partes nem fecho: dentro delas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada qual em seu rancho, sem repartimento nenhum [...]. Parece a casa um inferno ou labirinto, uns cantam outros choram, outros comem, outros fazem farinhas e vinhos, etc., e toda a casa arde em fogos [...]⁶⁵.

A América, como vimos, foi descrita essencialmente como o *Paraíso Terreal*. Os registros de cronistas, viajantes e exploradores europeus fazem diversas referências ao clima do *Novo Mundo* salientando aspectos comuns: ares saudáveis, vegetação exuberante, árvores com saborosos frutos, banhado numa perene primavera. Os animais silvestres eram coloridos e exóticos. Os habitantes da nova terra, sem *fé*, sem *lei* e sem *rei*, pareciam aptos à evangelização civilizadora. Viviam em plena *Idade do Ouro*, "porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade"⁶⁶. Parecia estar verdadeiramente restituída à glória dos dias da Criação.

No transcorrer do texto, se verificou que a natureza e os índios americanos foram também revestidos de valores negativos, pois “Parece que este clima influi peçonha, assim pelas infinitas cobras, [...] aranhas e outros animais imundos [...]”⁶⁷. Os índios ameaçavam “a segurança dos colonos” e viviam “bestialmente, sem ter conta, nem peso, nem medida”⁶⁸.

A par dos aspectos negativos, as descrições dos viajantes e cronistas sobre o *Novo Mundo* salientam a edenização da natureza e do homem americanos. As constantes menções à perenidade do clima, à vegetação exuberante, ao colorido das aves, à fertilidade da terra, à nudez dos índios ofereciam-lhes um espetáculo descritivo que remetia à possibilidade de retorno ao Éden.

As formulações edênicas projetaram-se sobre a América, criando uma ponte que aproximava o *Novo Mundo* do *Velho*, integrando-o ao seu imaginário, preenchendo o lugar antes ocupado pelas terras longínquas que, aos poucos, foram sendo devassadas. A edenização ou degradação da América foi uma construção européia. Houve, é certo, tendência à edenização do *Novo Mundo*, mas não exclusividade.

Notas

1. SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 56.
2. *Ibidem*, p. 64.
3. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. 6.ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 210.
4. VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 28.
5. Souza, 1986, p. 42-43.
6. Textos de autoria de Sérgio Buarque de Holanda; Laura de Mello e Souza, entre outros.
7. Holanda, 1994, p. 01.
8. CASTRO, Sílvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**: Porto Alegre: L&PM, 1996, p. 97.
9. Holanda, 1994, p. 01.
10. MURARO, Valmir Francisco. **Brasil: 500 anos de história messiânica e providencialista. ÁGORA: Revista da Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, v. 14, n. 29, p. 07-16, 1.º sem. 1999.
11. *Ibidem*, p. 8 e 9.
12. Holanda, 1994, p. 15.
13. *Ibidem*, p. 149 e 150.

14. Estreito de Gibraltar.
15. Holanda, 1994, p. 152.
16. Idem.
17. Idem.
18. Ibidem, p. 157.
19. No século XIV, “[...] acreditava-se na existência do Equador, dos trópicos, de cinco zonas climáticas, três continentes, três mares, doze ventos. A Europa setentrional e o Atlântico já se confundiam com o imaginário, sendo descritos quase como ficção [...]. Sobre a África, falava-se do Magreb e do Egito, desenvolviam-se hipóteses sobre as fontes do Nilo, que seriam na Índia – esta, ligada à África, fechava o Índico [...]. A Ásia, grande pólo de fascínio para o imaginário europeu, encerrava o Paraíso Terrestre, vedado por altas montanhas, por uma cortina de ferro e por hordos de animais monstruosos. Ao Norte, ficava o lendário país de Gog e Magog, composto das tribos israelitas expulsas por Alexandre. No centro, estendia-se o reino do Preste João, descendente dos reis magos e inimigo ferrenho dos muçulmanos. Ao sul ficava a Índia, onde as narrativas lendárias situavam a comunidade cristã de São Tomás. Para além do Índico, o país dos antípodas, mundo antinômico por excelência, povoado de seres monstruosos: cinocéfalos, cíclopes, trogloditas, acéfalos[...]” (SOUZA, 1986, p. 24 e 25).
20. Holanda, 1994, p. 158.
21. A esmeralda não apenas significava castidade mais ainda era “[...] símbolo da vida eterna. Nesse sentido, já interpretara Santo Agostinho sua presença em muitas das descrições clássicas do Paraíso Terreal [...]” (Ibidem, p. 70).
22. Ibidem, p. 71 e 72.
23. Idem.
24. Idem.
25. Idem.
26. Destaca-se a descoberta das jazidas de prata de Potosi, no Peru, em 1.545.
27. Holanda, 1994, p. 110.
28. Ibidem, p. 111 e 112.
29. Ibidem, p. 119.
30. Ibidem, p. 125.
31. Souza, 1986, p. 25 e 26.
32. Holanda, 1994, p. 211.
33. Idem.
34. Destaca-se a viagem de circunavegação efetuada por Fernão de Magalhães e Sebastião Caboto entre 1.519 e 1.522.
35. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 32 e 33.
36. Ibidem, p. 35-38.
37. Castro, 1996, p. 97.
38. COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América...*, p. 52 e 53.
39. Castro, 1996, p. 79 e 94.
40. COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América...*, p. 52.
41. Souza, 1986, p. 38.
42. Idem.
43. Gandavo apud Souza, 1986, p. 40.
44. Souza, 1986, p.42.
45. Ibidem, p. 45.
46. *Tratado da Terra e Gente do Brasil*.

47. Souza, 1986, p. 45 e 46.
48. *Ibidem*, p. 51.
49. *Ibidem*, p. 50 e 51.
50. “[...] os do bestiário, os ‘geográficos’ – que habitavam os confins da terra – [e] os descritos pela religião – Satã [...]” (*Ibidem*, p. 53).
51. *Idem*.
52. *Ibidem*, p. 54 e 55.
53. NOVAIS, Adatao. (Org.). _____. **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 07-14.
54. ROUANET, Sérgio Paulo. O mito do bom selvagem. In: NOVAES, Adatao (Org.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 415-437.
55. Castro, 1986, p. 64.
56. ROUANET, 1999, p. 416.
57. Thévet apud Rouanet, 1999, p. 417.
58. Léry apud Rouanet, 1999, p. 418.
59. Rouanet, 1999, p. 418.
60. *Idem*.
61. *Idem*.
62. *Idem*.
63. Souza, 1986, p. 56 e 57.
64. *Ibidem*, p. 60.
65. Cardim, apud Souza, 1986, p. 68.
66. Castro, 1996, p. 94.
67. Cardim apud Souza, 1986, p. 45.
68. Gandavo apud Souza, 1986, p. 56.